

Expedição Científica Roosevelt-Rondon

General
FREDERICO A. RONDON

1. INTRODUÇÃO

Entre as expedições científicas motivadas pelas explorações da Missão Rondon, visando a construção das linhas telegráficas estratégicas e estradas, o levantamento de cursos-d'água e a cartografia da Grande Rondônia, têm lugar de destaque os estudos antropológicos do Professor Edgard Roquette Pinto, como precursores da Expedição Científica Roosevelt-Rondon, e esta Expedição, à qual coube a descoberta do Rio da Dúvida que se perpetuou, na cartografia regional, como o Rio Roosevelt.

Ambos episódios ficaram perpetuados, em obras que vieram enriquecer a bibliografia geográfica internacional: "Rondônia", que imortalizou o mestre insigne da Antropologia Brasileira, e "Através dos Sertões Brasileiros" ("Through the Brazilian Wilderness", no original), do Coronel Theodore Roosevelt.

Propomo-nos hoje recordar referências geográficas, impressões e ensinamentos sociológicos hauridos em flagrantes das citadas obras, no quadro histórico-geográfico da Missão Rondon.

2. MISSÃO RONDON

Falar de Rondônia é recordar Rondon, "escutar a voz chamadora do sertão, sentir o rumorejo das florestas distantes", no dizer inflamado de entusiasmo sertanista e patriótico de Roquette Pinto.

Somos também tentados a recordar *pari passu* a obra grandiosa da Missão Rondon, acompanhando em visão retrospectiva os passos do Tenente de 1890 ao Coronel de 1914. Mas as contingências do tempo e o tema que nos propomos levar-nos-ão a restringir nosso estudo a referências essenciais aos trabalhos progressos, dando maior realce à grande travessia que veio coroar as Expedições de 1907 e 1910.

2.1. A Expedição de 1907

Ao findar o ano de 1906, estavam ligadas ao Rio de Janeiro, pelo telégrafo, as fronteiras do Paraguai, em Bela Vista e Porto Murtinho, e da Bolívia, em Corumbá e Forte de Coimbra.

Ao mesmo tempo em que estendia o fio telegráfico, pelas chapadas e pelos pantanais do Sul de Mato Grosso, Rondon procedia a estudos geográficos e de ciências naturais, determinando coordenadas de estações que serviriam de base a futuras operações geodésicas; fazia classificações na flora e fauna, conseguindo assim que a vastíssima Região Sul de Mato Grosso se tornasse uma das mais conhecidas do Brasil.

Em 1907, nova missão ainda mais árdua, que empolgava o Presidente Afonso Pena, aguardava o Major Rondon: a Comissão Construtora de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas e Acre.

— É possível ligar pelo telégrafo o Rio de Janeiro ao Amazonas e ao Acre? Teria perguntado o Presidente.

— Sr. Presidente, é só querer, respondeu o Major Rondon.

— Pois, eu quero... disse o Presidente.

Era junho de 1907, quando Rondon chegou a Cáceres, sede de sua nova comissão. Em Brotas, vizinhanças de Cuiabá, organizava-se a expedição que iria descobrir o Juruena, base das futuras arremetidas em busca do Madeira, dos reconhecimentos do

sertão e estudos preparatórios para a locação da linha telegráfica.

Já, a 7 de setembro, no acampamento do topo da Serra, o pareci Iocueré içava a Bandeira Nacional, ao som da marcha batida das cornetas.

Levando as explorações pela margem direita do Saueruiná, atingia Rondon as águas do Juruena e, no espigão divisor, via o primeiro nhambiquara. Surpreendido em plena coleta de mel, conta Rondon, o índio cortou o galho, apanhou o favo e se afastou, sem se mostrar assustado com o barulho dos foíceiros...

Proseguindo por um chapadão de grandes lixeiras e pelo charravascal do Bebedouro, vão ter os expedicionários ao Zocuriuiná. Pressente Rondon que é vigiado pelos índios. Guerreiros nhambiquaras, ocultos pela mata, vigiavam os passos dos expedicionários que avançavam, por sua vez, com precauções, na baixada pardacenta que conduz ao Juruena.

Era 20 de outubro. Da margem do rio de águas cristalinas, margens emolduradas por majestosa floresta, parte Rondon para uma visita à aldeia próxima, com presentes para os índios: machados de aço, "a libra esterlina daqueles sertões".

A menos de um quilômetro, recebe os primeiros sinais de hostilidade. Sente súbito, no rosto, um sopro, e divisa algo rápido e fugaz, como o voo de um pássaro: uma flecha que se

crava no solo. Outras se sucedem, visando o mesmo alvo. A última lhe fica engastada na bandoleira da arma de caça que empunhava. Eram dois nhambiquaras possantes, bem próximos, os adversários de Rondon. Dois tiros a esmo põem-nos em fuga.

O incidente pôs fim à expedição de 1907. Estava, aliás, atingido o objetivo; a descoberta do Juruena.

2.2. A Expedição de 1908

Tapirapoã, porto do Cipotuba, seria a nova base de operações, na campanha de 1908.

A 21 de julho, deixa Rondon a base e inicia a 2ª Expedição, tendo em vista a grande travessia rumo ao Madeira. Chegam os expedicionários ao Juruena e passam a abrir picadas, construir pontes, estivar atoleiros, explorando o terreno, locando estações. Não tarda, porém, novo ataque dos silvícolas à turma de vanguarda... o 7 de Setembro é, contudo, festejado pela primeira vez no Juruena, com alvorada de clarins, Hino Nacional ao gramofone, fogos e dinamite ribombando no vale profundo. A Bandeira Brasileira drapejando altaneira na floresta...

Demandam agora os expedicionários Santo Antônio do Madeira, transpondo rios em pelotas ou canoas feitas no local, encontrando aldeias de índios que fogem à sua aproximação; que ainda flecham bois e cães mas deixam ilesos os homens, cuja atitude pacífica começa a impressioná-los.

No Ranchão, aguarda Rondon uma flecha fincada na porta da maloca, junto a um feixe de milho verde, o que o guia parecei, Toloiri, traduziu como símbolo de paz, retribuição dos presentes recebidos.

2.3. A Expedição de 1909

Da base de Aldeia Queimada parte a 3ª Expedição, em abril de 1909, visando a descer o Jaci-Paraná, de sua nascente na Serra do Norte a sua foz no Madeira.

Reúnem-se a Rondon os naturalistas de sua Comlssão: o geólogo Cicero de Campos, o botânico Frederico Hoene, o zoólogo Alípio Miranda Ribeiro, o médico Joaquim Tanajura e os Tenentes Pireneus, Lira e Amarante.

O bom e fiel guia Toloiri, prostrado por uma pneumonia, é substituído pelo jovem amure Libânio Coloidorocê que tanto haveria de se distinguir em suas novas funções, fazendo jus ao título de major, mais tarde confirmado por uma patente da Guarda Nacional que lhe confere o Presidente Nilo Peçanha.

Encontros fortuitos, em plena floresta, com grupos de índios, que, surpresos, hesitam e se metem no taquaral, afastando-se com passo calmo, sem atender aos acenos amistosos de Rondon, e os bois da Invernada de Campos Novos, que haviam sido deixados, na anterior expedição, agora bem nutridos, poupados pelos nhambiquaras, são provas

evidentes da nova atitude dos silvícolas, tendente à aproximação.

Na Serra do Norte, voltam a aparecer sinais de índios, de proximidade de aldeias. Voltam eles a flechar os homens da Expedição... Baquités de utensílios, cabaças de bebida e comestíveis indígenas, um machado de diábase, encontrados nas proximidades do acampamento, são deixados no mesmo local, com o acréscimo de algumas facas...

Penetram os expedicionários na mata interminável e cada vez mais densa, sob aquela abóboda de folhagem que não se deixa penetrar pelos raios do sol... Desaparecem os vestígios de índios. É a floresta virgem na mais rigorosa significação do termo...

Encontros fortuitos do Tenente Lira, com índios do alto Jamari, deixam a agradável impressão de que são estes índios mais brandos e acessíveis que os do Juruena. Uma aldeia abandonada momentos antes tem roça de mandioca, feijão, milho, cará, amendoim, araruta e algodão. Uma índia, trazendo às costas o filho e um baquité com ananás do campo, não se assusta com o encontro e responde às perguntas do gula parecí:

— *Ihuã* (ai vem os companheiros, no dialeto uaimaré).

Um indiozinho de 6 anos, que não pôde acompanhar os maiores, na fuga, fala com loquacidade, repetindo:

— *Mauê* (gente foi embora, no dialeto salumá).

O estilo das construções — casas de forma cônica, com três coberturas de folhas de palmeira — fazendo lembrar palhoças africanas, levam Rondon à conjectura de que eram aqueles índios os que tiveram contato com negros escravos do quilombo de Quarezê, fugidos de Vila Bela em fins do século XVIII.

Retomando o rumo noroeste e, vencido o contraforte da Cordilheira dos Parecís, saem os expedicionários no Rio Pardo, afluente do Paraná. Prosseguindo em sua marcha, rumo ao Madeira, vão os expedicionários de barracão em barracão, atenuando com a hospitalidade dos seringueiros, as agruras do sertão, até ao Bom Futuro, no Jamari. Descem de lancha este rio e saem finalmente nas águas do Madeira. É o Natal de 1909...

3. "RONDÔNIA", "OS SERTÕES" DO NOROESTE

No cinquentenário de "Rondônia" (1967), lembramos o justo paralelo que se impõe, entre a obra excelsa de Edgard Roquette Pinto e "Os Sertões", de Euclides da Cunha, ambos autores irmados no sentimento de brasilidade e no empenho em que põem a Clência a serviço da Pátria, elucidando aspectos peculiares da obra de integração nacional; na simpatia e compreensão que lhes inspira o incola, cerne da Nacionalidade, cujo concurso à obra nacional, como elemento eficiente do progresso, fator e objeto do desenvolvimento regional, é imprescindível e urgente.

"São outros, na verdade, os cenários e atores da Epopéia Rondoniana. A agressividade do incola, gerada pela revolta, ante a injustiça e o atraso social em que lhe é dado viver (nos sertões do Nordeste) é aqui (nos sertões do Noroeste) defesa instintiva e, talvez, ressentimento da dolorosa experiência dos primeiros contatos com a civilização, cujas amostras lhe foram levadas pelos primeiros conquistadores, ao alto preço de sua liberdade e do esbulho de suas riquezas naturais.

"É também outra a atitude dos expedicionários que, possuindo a força das armas, preferem mensagens de paz e amor: "Morrer, se preciso for, matar nunca!"

"Aquele sentido humano, de compreensão e simpatia, transluz desde as primeiras páginas de "Rondônia", nas quais se retratam, além dos recantos naturais da terra, "a vida de seus homens primitivos e, mais do que isso, os resultados da obra fecunda dos sertanejos do Brasil, dirigidos pelo ideal feito homem" — Cândido Mariano Rondon.

"Se como estudioso, afirma Roquette Pinto, "as observações científicas que pôde realizar — quase todas de grande alcance, para o conhecimento da Antropologia Sul-Americana — o enchem de alegria, deu-se por bem pago daqueles dias de privações e de perigos, porque voltou da Rondônia, com a alma refeita, confluente na sua gente que alguns acreditam fraca e incapaz, porque é povo magro e feio.

— "São feios, efetivamente, aqueles sertanejos, muitos, além disso, vivem trabalhando, trabalhados pela doença... Pequenos e magros, enfermos e inestéticos, fortes todavia, foram eles conquistando as terras ásperas por onde hoje se desdobra o caminho enorme que une o Norte ao Sul do Brasil, como um laço apocalítico amarrando os extremos da Pátria... É preciso lá ir, para retemperar a confiança nos destinos da raça e voltar desmentindo os pregoeiros da sua decadência. Não é nem pode ser nação involuída a que tem meia dúzia de filhos capazes de tais heroísmos... Como são pequeninas estas observações científicas, diante da grandeza da construção daquela gente" — a Linha Telegráfica Estratégica de Mato Grosso ao Amazonas...

— "A obra científica e social de Rondon não pode ser assaz admirada, continua Roquette Pinto em sua "Rondônia" ... Em cinco anos de trabalho (1907 a 1912), ele conquistou pacificamente alguns milhares de quilômetros quadrados, agora em condições de fácil valorização. De cada índio, cuja ferocidade não era lenda vã, e cuja animosidade sacrificou tantos homens, fez um amigo. Abriu à Ciência um campo enorme de verificações e descobertas à indústria; todas as riquezas de florestas seculares. Soube coroar sua atividade estendendo o fio telegráfico, entre pontos extremos de sua Pátria que ligou por gigantesca estrada de rodagem. E mostrou à Humanidade irmãos

primitivos que mais uma vez lhe recordam a modéstia de sua origem...

— “Enquanto os índios não se afeiçoarem a nós, como Nuleque ao Tenente Pireneus de Souza; enquanto sua boa vontade se não transformar em confiança absoluta, e eles permanecerem pouco dóceis às nossas pesquisas; enquanto não conhecermos a língua deles e eles a nossa suficientemente, será talvez impossível obter mais do que consignam os documentos aqui (em “Rondônia”) registrados...”

E essa transformação se processa ainda sob os olhos argutos de Roquette Pinto, aos primeiros contatos com a Missão Rondon:

— “Agora mesmo, os machados de pedra não existem mais na Serra do Norte. Cada índio já possui machado de aço. Riem-se até os nhambiquaras daquele venerável instrumento que, há dois ou três anos, era elemento fundamental de sua vida, derrubando mel e fazendo roçadas...”

3.1. Os parecis

— De Antonio Pires, o descobridor do Noroeste de Mato Grosso, cujo chapadão ele cortou, em 1718, retando o Cipotuba, vêm as primeiras notícias sobre o “Reino dos Parecis”:

— Era grande o Reino dos Parecis... de numerosos, eram incontáveis; num dia de caminhada, atravessavam-se 10 a 12 aldeias, algumas de 30 casas, de cerca de 40 passos de largura, redondas do feitio de um forno,

muito altas. Vivem de cultivar a terra... Não era gente guerreira aquela; antes primava em defender o que era seu, do que em atacar o alheio. Suas armas, além do arco e flecha e de folhas de madeira rija, à maneira de espadas, eram lanças pequenas que usavam para defender as portinholas de suas casas...

Os parecis de Rondon e Roquette Pinto, nesse particular, afastam-se um tanto dos de Antonio Pires:

— No chapadão, hoje em vez de arcos, os caçadores parecis mantêm carabinas de repetição. As casas todas se parecem com os ranchos dos nossos sertanejos. Idolos, encontrou-os também, guardados como ainda hoje, em casa especial onde só entram varões. Nem olham as mulheres para tais cabanas — *tamacá* — hoje, como outrora, as mulheres se livram de olhar o *tamacá*. Morre a que põe os olhos nas buzinas sagradas (que lá se guardam).

— Da gracilidade das feições das parecis também fala Antonio Pires, com louvor bem merecido que, em verdade, são das índias mais gentis... atesta Roquette Pinto.

Os parecis que Roquette Pinto examinou achavam-se em Aldela Queimada, em Utiariti e no Timalatiá e pertenciam aos grupos *cozárini* e *cariníti*. Em Utiariti e no Timalatiá viviam os do grupo *uatmaré*.

O pareci a si mesmo se chama *ariti* (gente). Os aritis acham-se em adiantado grau de diferencia-

ção cultural, mormente os do Distrito de Diamantino, graças ao comércio que há mais de século mantém com as populações de Cáceres e daquela cidade. De sua teogonia pouco resta. Em 1888, quando visitados por Von Den Steinen, ainda acreditavam que o Sol era uma coroa de penas vermelhas, pertencente a Molhutu-ré, espécie de Apolo Pareci... A Lua era uma coroa de penas de mutum-pinima, de que era dono Cairaré...

3.2. Os nhambiquaras

Ualcoacoré (irmão do chão) é o nome que dão os parecis a certo grupo de índios da Serra do Norte — os *nhambiquaras* (orelha furada) — porque dormem no chão, em fossas rasas, cheias de palha.

No pouso do Ualcoacoré começam a aparecer a Roquette Pinto os selvagens dessa tribo. É o último pouso do Chapadão dos Parecis.

Ao sair do pouso do Juina, começa a surgir, pelo cerrado, e mesmo pela picada, sinais evidentes de nhambiquara próximo... Alta noite, numa colina, à beira da linha telegráfica, ao longe ainda, uma fogueira.

— Nem-nem! Ó nem-nem! (amigo), começam a gritar os expedicionários.

Vieram logo correndo e gritando, cacete em punho, arco e flecha na mão esquerda, desconfiados mas não agressivos. "Ao luar leitoso, era fantástico o aspecto

daqueles homens altos, lípidos, irrequietos, animados, falando sempre, desengonçados, inteiramente nus... Logo distribuimos largamente cigarros e caixas de fósforos... E animados começaram a pedir tudo quanto viam... Ficaram lá, no meio da noite, ao redor da fogueira, fazendo aenos, aos berros de prazer..."

Em Campos Novos, encontra o mestre representantes de todos os grupos em que se subdivide a grande tribo e lá procuram os brindes a que se habituaram. Grupos inimigos entre si fraternizam ali, levados pelo interesse de possuir utilidades que por nosso comércio conheceram: os cozo, anunzê, tagnani e tautê. Dos uaintacu, grupo ainda hostil, só é conseguida observação incompleta...

A fim de evitar confusão, sugere o mestre que se conservem os cognomes ligados sempre ao nome *nhambiquara*.

3.3. Notas antropológicas gerais

Considerando as notícias encontradas nos escritos leigos e as melhores informações colhidas, no século XVII, sobre a antropologia indígena, e mesmo a análise de observadores do século XVIII, insurge-se Roquette Pinto contra o espírito de generalização de que padecem aqueles estudos:

— Martius, nas "Beitraege", de valor tão desigual, mas sempre interessante, deixou-nos observações mais felizes. Na sua "raça

americana", distinguiu dois tipos: o mongol e o caucásio.

— A diferenciação que Martius acentuava, em 1867, Couto de Magalhães quase um decênio mais tarde retomou, quando trouxe à Antropologia do Brasil o seu apreciável contingente.

— Apesar de pouco preciso, em relação a minúcias, todavia, o autor de "O Selvagem" apanhou com acerto modalidades morfológicas dos índios do Brasil... É certo, porém, que só deixou bem caracterizado os primeiros tipos: o mongol...

— Datam de 1882 muitos documentos sobre o assunto... Incompletos, porém, em que pese ao valor das anotações descritivas... Aquisições mais seguras e detalhadas são devidas aos naturalistas alemães, a começar pelas explorações de Karl Von Den Steinen (1884-88), merecendo especial menção o trabalho de síntese tentado pelo Dr. Paul Ehrenreich, em 1897.

"Estudos Antropológicos sobre os Primitivos Habitantes do Brasil", verdadeiro tratado clássico.

Voltando a suas próprias anotações, dá-nos Roquette Pinto ampla notícia dos índios que habitam os territórios banhados por águas amazônicas, espalhados pelos vales do Juruena e pela Serra do Norte, os chamados *nhambiquaras* (*nambiquara*, *nambiuara*) pelos sertanejos e pelos índios civilizados seus vizinhos. Somam alguns milheiros. Quantos? Não sabemos (1.200 talvez).

O limite meridional do território nhambiquara é o Saueruiná (Rio Papagaio). Ao norte, parece ao mestre que é limite o Gi-Paraná; a leste o Tapajós e a oeste o Guaporé.

Os nhambiquaras alimentam-se de produtos agrícolas. É um dos traços paradoxais desse povo, que Roquette Pinto assinala, o desenvolvimento da agricultura no seu meio atrasado. Conhecem as propriedades conservadoras da fumaça. Quando não usam o moquém, assam a carne no borralho. Não deixam amadurecer o milho. Comem-no assado, ainda verde.

Foi o germe da agricultura, que não se sabe donde houveram, se é que ali mesmo não surgiu espontaneamente, o fator que permitiu a conservação dos nhambiquaras na idade da pedra, até a Era Rondoniana.

4. A EXPEDIÇÃO ROOSEVELT-RONDON

Entre as explorações realizadas, no decorrer das campanhas de desbravamento e implantação de linhas telegráficas, nos sertões amazônicos, hoje, abrangidos pelo Norte mato-grossense, Território de Rondônia e Sul do Amazonas, tem lugar de destaque, como dissemos, a Expedição Científica Roosevelt-Rondon, realizada no período de dezembro de 1913 a abril de 1914.

Recebido pelo Coronel Rondon na foz do Apa, o Coronel Theodore Roosevelt é conduzido, pela via fluvial do Paraguaçu, através do Pantanal, com breves digressões

ao Taquari e ao Cuiabá, em visita a duas das maiores fazendas da região. Ruma em seguida a expedição para a Cidade de São Luis de Cáceres.

Entravam agora os expedicionários no teatro dos trabalhos iniciados pela Comissão Rondon em 1907.

Compreendeu o Coronel Roosevelt qual fora o incentivo de Rondon, o que o empolgara acima de tudo — a obra político-social, a pacificação dos índios pela bondade, pela justiça e pela compreensão. Fora assim preparado, por essa obra, o caminho da Expedição Roosevelt-Rondon, isentando-a do maior perigo que a poderia ameaçar — os índios agora amigos, aldeados junto às estações telegráficas de que eram encarregados; cultivando, pacificamente, suas terras. Os caminhos ásperos do Planalto e das Serras são, agora, rota batida por tropeiros e peões...

4.1. Do Cipotuba ao Saueruiná

O Cipotuba, rio claro que desce do planalto para as florestas das terras baixas do Paraguai, é o caminho de Cáceres para o norte. Nos acampamentos, numa ou noutra margem, junto a ranchos pobres, sensibilizam-se os hóspedes com o acolhimento sertanejo.

Em Tapirapoã, base de operações, apresta-se a expedição para a marcha por terra, através dos sertões dos parecis e dos nhambiquaras.

Movimenta-se a coluna, a 19 de janeiro. Dias quentes trazem noi-

tes deliciosas e reparadoras. A falta de mosquitos, os vampiros adejam sobre os homens adormecidos...

Galgam afinal, por ingreme vereda, o Planalto dos Parecis — 700 metros de altitude,, salubre, seco, riachos claros, ar fresco e leve, paisagens deslumbrantes... De Aldeia Queimada a Utiariti, na travessia do divisor de águas Amazonas—Prata, valem-se dos caminhões da Comissão, para o transporte da carga. Na aldeia dos parecis, foram recebidos por índios alegres e bem-humorados. Nota Roosevelt com vivo interesse os objetos de uso dos indígenas, os tecidos feitos pelas índias, os costumes — mulheres sempre ativas, ocupando-se dos filhos com infinita paciência, carregando-os em largas faixas a tiracolo, inseparáveis de seus fusos que traziam, desde que tivessem as mãos livres.

Na aldeia de Utiariti, as índias são presenteadas com vistosas chitas e óleo perfumado para os cabelos, de que muito gostam. Houve danças no ritmo das gaitas. Passados, porém, estes momentos de barbarismo de senso artístico, voltariam os parecis ao verdadeiro estágio de civilização, em estreitas relações com o pessoal do Telégrafo.

Entrando fevereiro, amainou a chuva. Dividiu-se a expedição, destacando-se a turma Antony Fiala — Lauriodó de Sant'Ana, para explorar o Saueruiná (tendo saído no Juruena e, em seguida, no Tapajós e no Amazonas, para recolher-se a Manaus).

4.2. Do Utiariti a José Bonifácio

A segunda turma, chefiada pelo Capitão Amílcar de Magalhães, toma o rumo noroeste, para a exploração dos rios Timbuarê e Pimenta Bueno, formadores do Gi-Paraná, e deste rio até o Madeira.

No Juruena, recebe o Coronel Roosevelt a visita de um chefe nhambiquara que lhe traz, com seu séquito, cumprimentos e votos de boa viagem... Vigorosos e bem feitos, como bronzes, estavam nus, trazendo uma espécie de capacete de pele de onça, belos ornatos que alegremente trocam por fios de contas vermelhas, para as damas do séquito...

Com quatro etapas pelo chapadão, deixam os expedicionários as águas do Tapajós, entre manifestações de alegria e amizade dos nhambiquaras...

No Ribeirão Cumaniano, cabeceiras do Rio da Dúvida, Kermit Roosevelt visita, na aldeia próxima, os nhambiquaras, os quais retribuem a visita, demorando-se até tarde, cantando e dançando em torno da fogueira.

Em José Bonifácio, estação e pequena aldeia, com papagaios e periquitos mansos trepando pelos tetos e penetrando nas casas, os nhambiquaras fazem exercícios variados de arco, atirando as flechas para cima de modo a fazê-las cair em linha.

Em seu livro "*Through the Brazilian Wilderness*", registra Roosevelt suas impressões, preocupado sempre com a flora e a fauna, extasiado pela natureza. No Ti-

malatiá, encanta-se com a maravilha do Salto Belo que minuciosamente descreve, com interesse turístico mas deixando uma sugestão prática:

— "Rincão promissor, interessantíssimo, zona salubre, num altiplano de bom clima, região fértil em rios de potencial energético quase ilimitado, para grandes comunidades industriais..."

Roosevelt antevê, como indispensável, a estrada de ferro eletrificada, de Cuiabá até a queda d'água, empregando a própria energia ali captada.

Os parecis que ali encontra parecem-lhe interessantíssimos, joviais, bem-humorados e divertidos, dentes maus mas compleição robusta, possuindo grandes proles. Na aldeia, os antigos ranchos foram substituídos por habitações do tipo comum — casas de pau-a-pique — usados pelos sertanejos.

Em Utiariti e, no Sauerliná, outra aldeia parecis, a maioria dos silvícolas está, naquele dia garbosamente enfatiotada. O amure, major Libânio Colozorocê, com seu uniforme de Guarda Nacional, vem almoçar com os Coronéis e se porta com toda correção. Chovia a cântaros. As mulheres do amure e mais três ou quatro jovens índias saíam para o mandiocai, mães com os filhos pendurados em faixas a tiracolo, tangas ou saias muito curtas, balaio às costas sustidos por tira de pano que passa pela testa. Sorriam alegremente, quando passaram, sob a chuva, acenando adeus.

O contraste entre o amure, medido em seu uniforme, e aquelas mulheres parece chocante a Roosevelt, revelando, incidentemente, a seu ver, a estultícia dos que supõem ideal a vida selvagem...

Choveu a maior parte do dia, em Utiariti. Toda vez que havia uma estiagem, os índios saíam de suas casas, para jogar o *izicunati* — o *head-ball* — e, então, ouviam-se gritos estridentes de aplausos e de triunfo, em varladadas inflexões...

No Buriti, chama a atenção de Roosevelt uma balsa manobrada por dois índios parecis que ali moravam em ranchos de palha, cada um com duas mulheres... Viviam prevenidos contra os vizinhos nhambiquaras que havia pouco tempo, lançaram contra eles suas flechas e foram repellidos, com tiros de Winchester para o ar, no estilo rondoniano.

No acampamento de Huatsui, chama a atenção de Roosevelt um soldado destacado, com a mulher e dois filhos pequenos. A mulher prefere marchar a pé a suportar o desconforto de um lugar no auto que lhe é oferecido.

No Juruena, um grupo de nhambiquaras, mansos e joviais, alegra-se com a presença do Coronel Rondon. "Em ponto algum da África, encontramos gente mais selvagem e primitiva do que esses índios, embora fossem estes mais joviais e de melhor conformação do que qualquer tribo africana, na mesma fase de cultura", anota o Coronel Roosevelt. Homens e mulheres eram bem proporcionados e até mesmo bonitos,

exibindo ótimas dentaduras, embora alguns parecessem estar sofrendo qualquer doença de pele (o *baanecedutu*). Formavam um grupo muito alegre e as mulheres davam a impressão de estarem tão bem alimentadas quanto os homens; não existia a brutalidade que se observa entre os pretos australianos... São todos ingênuos e ignorantes. Todos riam e conversavam em torno dos expedicionários. Metiam-se pelas casas adentro, amontoavam-se tão perto que Roosevelt era obrigado a afastá-los gentilmente. As mulheres davam-se as mãos ou colocavam os braços nos ombros umas das outras. Naquela promiscuidade, não se notava um olhar maldoso ou gesto impudico, anota Roosevelt.

Com jornadas, por períodos alternados de sol abrasador e chuvas torrenciais, alcançaram a Estação de José Bonifácio. No caminho, encontram uma aldeia de nhambiquaras enfeitados com adornos de contas... Um velho semelhava-se a um *aino* peludo (aborigine do Japão) ou, ainda melhor a um negro australiano, anota o Coronel Roosevelt. Tratava-se, possivelmente, de um mestiço de negro fugido das minas de Mato Grosso, cuja influência também se faz sentir na forma das cabanas...

4.3. O Rio da Dúvida

A 27 de fevereiro, partia a flotilha de canoas, descendo a corrente escura e volumosa, para a descoberta, em direção ao norte.

Após uma jornada topográfica, é assinalada a boca do Rio Festa da Bandeira, o Carumicharu dos nhambiquaras, descoberto em 1912... Corredeira do Apuro. Navaité, aldeia de nhambiquaras. No Quebra-Canoa, o aneróide acusa uma descida de 100 metros. O rio é como uma cachoeira contínua, sobre leito de diabase... O encontro com um grupo de nhambiquaras ainda arredios e hostis, que são repelidos com tiros para o ar leva Roosevelt a propor a suspensão do levantamento topográfico, a fim de apressar o reconhecimento do Rio da Dúvida. Opõe-se a isso Rondon e o levantamento prossegue, dispensado Kermit do serviço de vanguarda...

Outro naufrágio, com a perda de uma canoa e de um camarada. Não seria prudente permanecer ali quatro dias, para a construção de outra canoa sujeito ao ataque de índios. A carga é redistribuída e passam a marchar a pé, pela margem do rio, o Coronel Rondon e sua turma de 12 camaradas.

Em 18 dias, haviam percorrido 125 km, atravessando terras enfiadas por índios agressivos... Mais rápidos a alternar com trechos remansosos... Já se podia, então, concluir que o Rio da Dúvida não podia ser afluente do Gi-Paraná e que seu curso inferior seria o Aripuanã, conhecido afluente do Madeira.

Na manhã de 18 de março, o Coronel Rondon, dando cumprimento ao desejo expresso, pelo Governo Brasileiro, de perpetuar,

na carta do Brasil, a memória da viagem de descobrimento geográfico do Coronel Roosevelt, em ordem do dia, classificou a Comissão de que passaria a chamar-se Rio Roosevelt o rio até então denominado Rio da Dúvida. No ponto em que se realizou o ato solene, a foz de um afluente que recebe o nome de Kermit, inaugura-se um marco de madeira com a inscrição do nome e das coordenadas (11.º 27' de lat. sul e 17.º 12' de long. oeste do Rio de Janeiro).

Continuam os trabalhos, nas mesmas condições: canoas dando avanço aos que caminham por terra; sinais de índios que fogem, presentes de machados, facões e contas deixados em postes. Em três semanas, tinham avançado 140 km e descido 124 metros. Outro afluente é assinalado por suas coordenadas na foz, o Rio Taunay (a 156 km do levantamento). Atingido outro afluente, o Rio Cherrie, a região muda subitamente de aspecto. O rio corre apertado entre montanhas, com um desnivelamento de 33 metros. Montanhas a se estender em cadeia, vestidas com luxurriante vegetação tropical...

A 6 de abril, foi transposto um rápido que parecia ser o último. As montanhas cedem lugar à planície que o rio percorre, até a foz de um novo afluente, o Rio Capitão Cardoso... Mas novos rápidos se anunciam a jusante. O Coronel Roosevelt, doente, passa a viajar em canoa coberta, sob a assistência do Médico Cajazeira... Repetem-se os dias,

descendo a expedição um metro em cada quilômetro... descia também o moral. Tinham-se agravado os padecimentos do Coronel Roosevelt... Mas a 15 de abril surgem os primeiros moradores, seringueiros, e com estes um dado geográfico: o rio que desciam é conhecido pelo nome de Castanho.

Proseguem rio abaixo, entre margens desertas, onde os raros moradores fogem espavoridos, tal o grau de tensão nervosa em que vivem, atormentados pelo temor de ver surgirem guerreiros indígenas.

Trezentos quilômetros haviam sido percorridos, em território nunca transposto por civilizados... Terminara a incerteza do futuro. O trecho do rio que faltava descer corria em região habitada, sendo possíveis longas jornadas e casas para pousar e habitantes afáveis e corteses que recusavam o pagamento do que forneciam...

A 9° 38' de latitude sul, recebe o Rio Roosevelt seu afluente Rio Branco. A 8° 45' encontram a primeira casa de negócio, onde se abastecem. Passada a barra do Madeirinha, outro afluente do Roosevelt, aguarda-os o Infernã, belíssima cachoeira, numa largura de 100 metros. Na base dos rápidos. Aripuanã, a 7° 47' sul, outra grande casa de negócios. A uma hora de viagem, estava o acampamento do Tenente Pireneus, com o barco a vapor, avião "Cidade de Manaus", à espera da expedição...

59 dias, 686 km de percurso, dos quais 776 acidentados, em 48 jornadas. Em frente às barracas, onde flutuavam as bandeiras do Brasil e dos Estados Unidos, foram os expedicionários recebidos com salvas. Em ordem do dia, junto ao monumento que mandara erigir, o Coronel Rondon declara que o Rio da Dúvida, o Castanho e o Baixo Aripuanã são todos um só e grande rio — o Rio Roosevelt, com 1.400 km e 174 metros. Era 17 de abril de 1914.

5. EXPLORAÇÕES REGIONAIS EM SINOPSE

Tendo nos referido a expedições precursoras da Expedição Roosevelt-Rondon, não poderíamos omitir em nosso estudo referências às explorações realizadas pela Missão Rondon, nos altos cursos dos tributários do Tapajós e do Madeira, cujas bacias enquadram a do Rio Roosevelt:

— a leste, o Juruena e seus afluentes Juina, Camararé e Iquê (ou Languiáru), à margem esquerda; o Saueruiná e seus afluentes Buriti e Saueuiná à margem direita;

— a oeste, o Gi-Paraná e o Jamari, tributários do Madeira.

5.1. O Juruena

O Rio Juruena tem sua nascente na Serra dos Parecis, a 790 metros de altitude (14.° 40' sul e 59.° 06' oeste de Greenwich). Anauiná é seu nome indígena que

o Marechal Rondon traduziu como "água do amure Aná".

Contravertente do Guaporé, sulca o Juruena larga extensão de chapadões, descendo em direção ao norte e, após um curso de 1.010 km, une suas águas com as do Teles Pires (antigo Parana-tinga, São Manoel ou Três Barras), formando o portentoso Tapajós (Tapaluparaná, Paraniplixuna, rio negro dos tupis), na latitude 7.º 22' sul.

Anteriormente à Comissão Rondon nenhum explorador havia navegado pelo Rio Juruena, cuja representação cartográfica o afastava de sua verdadeira posição, no mapa de Mato Grosso. Apenas a posição de sua nascente, determinada pelo Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, ainda nos tempos coloniais, e foz do Arinos, seu afluente da margem direita, eram os pontos conhecidos, quando a Expedição de 1907 o atravessara, nas proximidades do passo onde foi instalada a estação telegráfica, a montante do Salto Comaizocolá, a 12.º 50' 32" sul.

Em setembro de 1907, o Major Rondon, tendo atravessado o Tahuruiná, já atingia o Timalatiá, ambos tributários daquele rio. No mês seguinte vencia a depressão dos vales do Saueruiná e do Buriti (Zolaharuiná), Detinha-se no Salto Utiariti e, no Uaracuriri-suê, atingia os confins do território dos parecis, a 607 km de Cuiabá, defrontando o dos nhambiquaras.

Em outubro de 1908, o Major Rondon transpõe o Juruena e

seus tributários da margem esquerda, o Zocozocorezá e o Juina, o Camararé, o 12 de Outubro e o Nhambiquara, atingindo os Campos Novos da Serra do Norte.

A expedição de 1909 transpõe as cabeceiras do Iquê, deixando a nordeste a bacia do Juruena, com suas incógnitas a serem deslin-dadas por futuras expedições. Seria a tarefa da Expedição de 1911 que, chefiada pelo Capitão Manoel Teófilo da Costa Pinheiro, procede ao levantamento topográfico do grande rio.

Após um século da descoberta do Juruena, coube a Costa Pinheiro explorá-lo, e o faz com minuciosidade exemplar, doando à Missão Rondon uma de suas mais interessantes memórias geográficas.

Da estação telegráfica até a confluência do Teles Pires, fica assim o Juruena levantado topograficamente, feita a avaliação das descargas dos principais afluentes, determinadas altitudes e coordenadas geográficas das barras do Juina, Saueruiná, Zutiarié Arinos do Salto Augusto e da confluência do Teles Pires.

Os cocozus, ramo da nação nhambiquara, habitantes do alto Juruena, que haviam recebido a Expedição de 1907 em tom de guerra, assistem aos últimos aprestos da expedição de 1911. Já não são os duros guerreiros daqueles tempos mas sim amigos confiantes que desejavam participar dos riscos e trabalhos da descida de seu famoso rio, não tendo sido atendidos por falta de

acomodações, nas superlotadas canoas da Expedição Costa Pinheiro.

De vez em quando, disse Costa Pinheiro, em ambas as margens do rio notavam-se grandes claros de roça, portos, balsas para travessia, artefatos de caça abandonados. Na foz do Juina, ouviram-se gritos de "Anauê"! repetidos insistentemente. Nhambiquaras foram vistos, acenando aos expedicionários com espigas de milho que foram recebidas em troca de machadinhas, retirando-se contentíssimos os silvícolas.

Além dos nhambiquaras, refere-se Costa Pinheiro aos apiacás e aos mundurucus do São Tomé, do Cururu e dos Campos do Capé-uats, população avaliada em 2.000 índios.

5.1.1. O Rio Iquê (ou Lan-guiáru)

O Rio Iquê, tributário do Juruena, é um dos 12 rios cuja existência foi revelada aos cartógrafos, através dos trabalhos da Comissão Rondon. A linha telegráfica passou por suas nascentes, no Chapadão dos Parecis, onde foi localizada a estação de Vilhena (600 metros de altitude, a 12° 42' sul).

Encarregado da exploração do Iquê, partiu de Vilhena o Tenente Júlio Caetano Horta Barbosa, a 4 de agosto de 1913, a 3 km do porto de cima, onde construiu sua flotilha de canoas. Antes de findar o ano, surgiu a expedição em Santarém. A 31 de outubro,

havia atingido o Juruena, pelo qual desceu até ao Tapajós.

Minuciosa descrição do Iquê nos traz o Tenente Horta Barbosa. Numerosas cachoeiras. Matas e campos alternando-se nas margens, ora firmes, ora pantanosas. Leito de pedra-cango (ganga ferruginosa). Abundância de palmeiras. Raras seringueiras. Ao 60 km, erguem-se as margens em morrarias. Um belo salto promete 1.000 cavalos de força. Corredores apertados são vencidos com dificuldade. No k 186, recomeçam os terrenos alagadiços, ocorrem abundantes seringais...

Cumprir assinalar a maneira cordial e confiante com que os nhambiquaras do Iquê e do Juruena receberam a Expedição Horta Barbosa. Esquivos ao primeiro contato, desceram das árvores e correram. Voltaram porém, em seguida, para atender aos gritos de chamado dos expedicionários que, da outra margem, acenavam-lhes com machadinhas, linhadas e miçangas. Indecisas a princípio, atravessaram o rio e se aproximaram. Receberam os presentes com incontida alegria e se portaram como velhos amigos... Retribuíram os presentes com fumo, mel e colares rústicos.

Quando a expedição partiu, acompanharam pela margens as canoas, dando aviso aos índios de rio abaixo.

5.1.2. O Rio Zutiaré

O Zutiaré, o mais volumoso afluente do Juruena, depois do Arinos, nasce com o nome de

Bela Vista, no Chapadão dos Parecis, contravertente dos formadores do Cipotuba. É cortado pela linha telegráfica entre as estações de Barão de Capanema e poente de Pedra, a 13º 24' sul. Seu reconhecimento foi realizado pela Expedição Tenente Vicente Vasconcelos, que partiu da linha telegráfica, a 10 de maio de 1915, e atingiu a foz, no Juruena, a 30 de junho.

Ocorrência sobre todas importante foi o encontro da expedição com grupos de índios, no curso médio e no inferior do Zutiaré, mais frequentes os indícios abaixo da foz do Cravari, tendo-se notado o emprego de machados de aço. Uma aldeia é afinal encontrada, no km 317 do levantamento. A chegada da expedição, recolheram-se os índios em silêncio à maloca... Não demorou o ataque, provocando a retirada precipitada dos expedicionários. Aos novos apelos e tentativas de aproximação, com presentes, novas flechas e nova retirada... Um ataque dos índios, ao amanhecer (do qual saíram feridos dois expedicionários) convenceu Vasconcelos de que era prematuro um encontro com aquele grupo (suposto nhambiquara mas que seria tupi, *parnauat*, na opinião de Rondon, por certos traços culturais, como o uso de redes e canoas e o modo de colocar as penas diretrizes do voo das flechas).

Convém recordar que os nhambiquaras se deitam sobre palha, em fossas rasas e, para transporte n'água, limitam-se aos melos

de transposição dos rios, pinguelas ou simples talos de buriti, como bóias, para facilitar a natação.

5.1.3. O Rio Saueruiná

O Saueruiná (Rio Papagaio ou melhor Maracaná) nasce no Chapadão dos Parecis. Seus formadores confluem a 14º 16' sul e 58º 39' oeste de Greenwich. Sua foz no Juruena situa-se a 12º sul. Entre seus afluentes destacam-se o Timalatiá (Rio do Sangue), à margem direita, e o Zolaaruiná (Rio Buriti) à esquerda.

No Saueruiná, o regresso da Expedição de 1907 foi realizado sob a perseguição dos nhambiquaras, após um percurso de 967 km de sertão, esgotados os recursos de alimentação e sem meio de transposição do rio (uma canoa que haviam deixado, os índios haviam feito desaparecer). Nesse lance, o Major Rondon procurou reerguer o moral de seus homens combalidos pelo cansaço e a doença, conduzindo, pessoalmente, a nado, a pelota que improvisou, com um couro de boi, no qual passou o Saueruiná, com o material e o pessoal...

A exploração do Saueruiná constituiu parte do programa da Expedição Roosevelt-Rondon, a cargo do Tenente Lauriodó de Sant'Ana, brasileiro, e capitão Anthony Fiala, americano.

Iniciada a 7 de fevereiro de 1914, na estação de Utiariti, atingiu o Salto Augusto, no Juruena, a 24.

5.2. O Gi-Paraná

São formadores do Gi-Paraná, oriundos ambos do Chapadão dos Parecís, altura de vilhena, o Comemoração de Floriano (Timboaruê dos índios) e o Pimenta Bueno (Djaruereb), correndo este a sudoeste do primeiro.

O Rio Comemoração de Floriano merece registro especial, no Diário do Marechal Rondon:

— Aparece-nos ele silenciosamente, surgindo de um furo profundo, cavado no arenito branco de seu leito, logo depois, despeinha-se em rápidas corredeiras... alarga-se em vasta bacia... escombros extraordinários de blocos de pedra...

Além do interesse científico e estético, prendiam aqueles serções a atenção de Rondon pelas incalculáveis riquezas vegetais: depósito inexaurível de seringa, de resinas, plantas medicinais, madeira de construção. O terreno de rocha gresosa, intercalado de camadas de cascalho aurífero coloidal, denuncia abundância de jazidas de ouro, diamantes, metais preciosos.

No vale de rocha vulcânica do Rio Barão de Melgaço (Maqueopiã, afluente do Comemoração), o cascalho aurífero leva Rondon a admitir que eram aquelas as célebres minas de Urucumacua de que falavam os exploradores do século XVIII.

Em outubro de 1909, uma turma desce a explorar o Pimenta Bueno, recém-descoberto. Prossegue o reconhecimento para noro-

este, descobrindo rios que recebem nomes históricos: o Luis de Albuquerque, o Antônio João de Moura, o Lacerda e Almeida, o Luis D'Alincourt, o Ricardo Franco, todos tributários do Gi-Paraná (então, suposto Jamari), *habitat* dos índios urupás (que Rondon supõe serem os acangapirangas que já se aplicavam à extração de borracha.. Atinge o Tramoço (o Jaru dos seringueiros) e vencido um contraforte, sai no Rio Pardo.

Deixando a leste o vale do Gi-Paraná, prossegue a expedição rumo ao Madeira e sai do Jamari que é descido de lancha...

5.3. O Jamari

O Jamari tem suas nascentes na Serra dos Pacaás Novos, contraforte de granito da Cordilheira dos Parecís (a 11° 03' sul). São seus contravertentes formadores do Cautário, ao sul; o Tramaque ou Jaru, a nordeste, o Cumitaú, tributário do Gi-Paraná, a sueste. São seus afluentes à margem direita, o Guaiamã ou Canaã, o Branco, o Preto, o Verde; pela esquerda, o Massangana e o Candeias (este quase tão extenso e volumoso como próprio Jamari). Tem na foz a largura de 165 metros (1/5 do volume e da largura do Madeira, onde deságua, após 400 km de curso).

O Jamari foi explorado por seringueiros desde o ano de 1897. O Tenente-Coronel Rondon o percorreu, em 1909, do Bom Futuro a sua foz. Seu levantamento topográfico foi executado, em

1911, pelo Tenente Otávio Felix Ferreira da Silva, da Comissão Rondon, da foz até sua mais alta cabeceira.

O Jamari (rio das cabaças, de *jamaru*, cabaça de que se fazem as cuias) tinha em 1911 uma população estimada em 2.000 habitantes, exclusivamente aplicados à extração da borracha — A Expedição Otávio Felix não teve contato com os silvícolas. Trouxe não obstante, notícias das duas tribos que vivem no alto do rio: os bocanegras e os ariquemés. Remanescentes destes grupos indígenas foram reunidos na Colônia Indígena Rodolfo Miranda, junto à estação de Ariquemés, na foz do Canaã.

Otávio Felix viu, no alto Jamari, mulheres urupás vivendo em companhia de seringueiros nordestinos.

De volta ao Jamari, em 1912, o Coronel Rondon encontrou aldeias ariquemés reduzidas a extrema miséria... A tribo, de 600 índios estava reduzida a uns 60. Os casos de escravidão dos silvícolas pelos seringueiros deram lugar à intervenção da Polícia Amazonense.

6. FATORES HUMANOS NO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

O General Lobato Filho deixou-nos, em seu livro "Avançal para o Jamari", impressões dos trabalhos da Seção do Norte da Comissão Rondon, nos quais fez parte, em 1910. Delas nos valemos, entre outras fontes, a fim

de completar nossas próprias notas sobre o Madeira e o Jamari, sempre com o intuito de pôr em evidência os valores humanos empenhados, ativa ou passivamente, no desenvolvimento regional.

Era tarefa atribuída à Seção do Norte a ligação de Santo Antônio do Madeira ao Jamari. O acampamento surgido na orla da mata de Santo Antônio, sob os cuidados do Major Gomes de Castro, Chefe da Seção, teve vida intensa, inicialmente, trabalhadores nordestinos e soldados confraternizados. Logo, porém, o paludismo fez suas primeiras vítimas nos extremos da hierarquia: um soldado e o Major Gomes de Castro. E continuou a desbaratar a Seção do Norte, a despeito do aparelhamento sanitário. E surgem casos suspeitos de *Cholera morbus* ou disenteria tropical.

Na chefia da Seção, reduzida a 21 homens, o Tenente Lobato retoma os trabalhos e leva a picada até as selvas encharcadas e sombrias do Jamari. Fazendo tremular a Bandeira, nos acampamentos, sente novamente o ímpeto daqueles heróis anônimos, combatidos, escravos agora do dever...

Em seu livro, traça Lobato o perfil do capataz Tertuliano de Carvalho — o Mestre Tértu — que o havia impressionado: Ele não se impunha por gestos ou palavras de mando. Nunca alterava a voz. E tudo se movimentava, no estilo militar. Era um baiano de 40 a 45 anos... Quase uma figura de asceta, um "Antônio Conselheiro" sem barbas. Homem rude mas inteligente,

cheio de sabedoria e larga experiência... tinha prazer na dedicação ao serviço. Nas noites pavorosas, dos bivaques, ficava de vigília, mosquetão em punho, como o mais fiel dos guardas. Herói sertanejo, pelo próprio destino, Tertuliano de Carvalho morreu anos depois, ao lado do Tenente Marques de Souza, no Rio Ananás, num ataque dos índios araras, ingressando assim no martirólogo da Missão Rondon.

Preocupava a Seção do Norte, nos trabalhos do Jamarí, a situação criada, no Gi-Paraná e no Baixo Madeira, pelos famosos parintinrins.

Ramo da nação *caualb*, de origem tupi, antiga dominadora do Tapajós, aqueles índios vieram, sob a pressão de grupos indígenas adversos, localizar-se nas terras centrais do Madeira e baixo Gi-Paraná. Em 1868, surgiram em Santo Antônio do Madeira, em luta com seringueiros. Desde então sofrem represálias e fazem correrias, levando o pavor às matas da margem direita do baixo Madeira. Entre 1900 e 1915, tiveram de repelir ataques de expedições armadas de caucheiros incendiários.

As tentativas de pacificação dos parintins foram iniciadas pela Comissão Rondon em 1916. Após cinco anos de trabalhos, torna-se possível a instalação de um posto, no Matci, a cargo de Emanuel Amarante e Bento Lemos. Kurt Nimuendaju se notabiliza, nesses trabalhos, com seus conhecimentos da língua indígena (o tupi-guarani). Ainda em

1922, sofre o posto do Matci ataque dos índios. Após alguns contatos, marcados pela desconfiança mútua, passam os parintinrins a freqüentar o posto, invadindo-o por vezes, inesperadamente, em grupos. Após a distribuição de brindes pelo encarregado do posto, punham-se os índios a dançar alegremente, cantando canções guerreiras e soprando gaitas de bambu.

Chegaria afinal o momento da conciliação. Kurt Nimuendaju, falando no dialeto indígena, disse ao chefe Embocari:

— Nosso chefe ordenou: Não matem os parintinrins! Acabem com a guerra. Sejam todos companheiros.

— *Derecói pendehé* (não guerrearemos mais), respondeu o chefe índio.

7. CONCLUSÃO

Esperamos haver situado a Expedição Científica Roosevelt-Rondon, num esboço a largos traços das expedições geográficas da Missão Rondon, bem caracterizada, como iniciativa acidental, em homenagem ao hóspede ilustre que, tendo vindo à América do Sul, para realizar conferências a convite de certos meios intelectuais, resolveu regressar ao seu país pelo interior do Brasil e, empolgado pelo projeto brasileiro, sugerido pelo Coronel Rondon, de dar à expedição de cunho naturalista objetivos geográficos, concordou em modificar o primitivo nome de "*Colonel Roosevelt's*

South American Expedition for the American Museum of Natural History" para aquele, pelo qual ficou conhecida, nos anais da Geografia do Brasil.

Como expedição geográfica complementar dos trabalhos da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas Estratégicas, à Expedição Roosevelt Rondon, como às demais expedições citadas, não se poderia atribuir, em sua magnitude, senão em pequena parte, a obra de desbravamento de sertões e implantação de estradas e da linha telegráfica que, partindo de Cuiabá, vence, com seu traçado, o Chapadão dos Parecis, vales amazônicos do Juruena do Gi-Paraná e do Jamari, para alcançar Santo Antônio do Madeira, nos confins ocidentais do Brasil.

O Curso de Altos Estudos Amazônicos, considerado nos itens primordiais de seu tema geral — A obra geográfico-social do Marechal Rondon; a Amazônia Brasileira, em seus aspectos geográficos de ocupação humana e exploração econômica; a Geopolítica brasileira relativa aos sertões e fronteiras; os grandes problemas nacionais, em seus aspectos amazônicos — tema inspirado na mesma política definida e expressa pela Revolução Brasileira, tendo o homem, como elemento eficiente, fator e objeto do mesmo desenvolvimento sócio-econômico em vista, sugere, como método de trabalho, um duplo esforço de análise e síntese da atuação do homem, no cenário amazônico, através dos fatos contem-

porâneos, especialmente, do homem brasileiro: o civilizador (missionário, militar, explorador, empresário, etc.), o amazônico, o nordestino, o indígena.

Nos flagrantes da natureza amazônica e do homem brasileiro empenhado em dominá-la, colhidos nos trabalhos de observadores que nos precederam no tempo — gemas preciosas de saber e experiência — que ilustram e balizam nossa palestra, temos elementos para a desejada síntese, não somente em seus aspectos geográficos, de elucidação da rede potamográfica da Rondônia, como também em seus aspectos sociológicos.

Uma reconsideração geral de conceitos sobre o silvícola impõe-se na atual conjuntura, para melhor esclarecimento de suas relações com as frentes pioneiras que avassalam os sertões da Rondônia.

Os Parecis pacíficos, aculturados, havia já dois séculos, quando conheceram Rondon e lhe ofereceram e prestaram o concurso valioso e indispensável de seus guias, de seus trabalhadores, de seus telegrafistas e dos produtos de sua agricultura; os nhambiquaras, ainda avessos aos contatos da civilização; os parintintins, refugiados no recesso de suas florestas, dispostos a evitar novos contatos com a civilização que bem conheciam, escarmentados, justamente, dos primeiros contatos com as frentes pioneiras da borracha, são exemplos típicos de atitudes que merecem nossa meditação.

Um daqueles exemplos vale focalizar, como fecho destas considerações, o do nhambiquaras que recebem a flecha o Major Rondon, no ano de 1907; aceitam presentes e poupam os bois cansados da Comissão, em 1908; submetem-se às mensurações antropométricas e perquirições lingüísticas do Professor Roquette Pinto, em 1912; recebem festivamente e até importunam, com seu assédio amistoso, o Coronel Roosevelt, em 1914; como haviam festejado a passagem das expedições da Missão Rondon, em seus rios.

"Verdade é que os nhambiquaras passam a viver em paz com a Comissão; nas ocasiões de penúria, em alguns postos da linha telegráfica, eles repartem, irmanamente, com os "brasileiros", a sua massa de mandioca e o mel delicioso das abelhinhas que moram em suas matas...

"Agora mesmo, os machados de pedra não existem mais na Serra do Norte; cada índio já possui machado de aço. Riem-se até os nhambiquaras daquele venerá-

vel instrumento que, há dois ou três anos, era elemento fundamental da sua vida, derrubando mel e fazendo roçadas... (Roquette Pinto).

Seria, pois, de o desejar que a vocação agrícola de nossos silvícolas e sua propensão ao progresso e à civilização, que mais uma vez se evidenciam, nas observações do sábio patricio que, retrocedendo no tempo até a idade neolítica em que se encontravam os nhambiquaras, teve acesso aos seus sertões, sem os preconceitos de um indianismo contrário ao Objetivo Nacional Permanente da Integração Nacional, antes inspirado na mais ardente brasilidade do "ideal feito homem" — Cândido Mariano Rondon — seria de desejar, dizíamos, que estas observações fossem consideradas, como fanal, para a obra oficial do índio, conducente a sua felicidade e aos gerais anseios dos corações brasileiros.

(Do Curso de Altos Estudos Amazônicos, Clube de Engenharia, em 28 de maio de 1974).

"JAMAIS PONHA ALIMENTO NA BOCA DE UM
FAMINTO,
SERVINDO-SE DE MÃO ALHEIA"

(Preceito Budista a respeito do conceito **caridade**.)